

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## UNIDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS PARA O DERRUBAMENTO DA DITADURA

A tarefa histórica que se coloca ao povo português e às forças democráticas é varrer o regime fascista e conquistar a liberdade política.

Para a realização deste importante objectivo impõe-se organizar e impulsionar as lutas de massas, elevar a combatividade dessas lutas, alargar e reforçar a unidade dos democratas, passar a uma fase concertada e combativa da luta popular que leve ao levantamento nacional armado, ao derrubamento da ditadura.

### A DITADURA FASCISTA É O PODER DOS MONOPÓLIOS

Salazar não é o regime fascista. Ele deu corpo a uma política e a uma ideologia que servem os interesses das forças capitalistas. O regime fascista é o poder dos monopólios, aliados ao imperialismo estrangeiro, e dos grandes agrários. São estes que comandam a máquina do Estado, oprimem e exploram a classe operária e as massas trabalhadoras, lançam os camponeses, a pequena burguesia urbana e sectores das classes médias numa situação de ruína e de miséria.

A ditadura fascista, para poder continuar a sua política, «abre fraternalmente os braços» ao imperialismo estrangeiro, oferecendo-lhe as maiores garantias de segurança e os mais largos lucros.

Só no ano de 1966 o governo fascista «abriu fraternalmente os braços» a dezenas de grandes companhias capitalistas estrangeiras, que investiram capitais nos transportes, siderurgia, celulose, minas, indústria vidreira, plásticos, artigos eléctricos, cosméticos, refinação de petróleos, indústria de turismo, cerveja e outras. Figuram entre elas o poderoso monopólio inglês de fibras sintéticas, Imperial Chemical Industries Limited; a Brown Company, uma das mais importantes empresas norte-americanas e cana-

dianas de celulose; a Rockwell Standard Corporation, produtora de aviões nos Estados Unidos e hoje ligada à indústria metalomecânica nacional; a empresa vidreira alemã Ruhrglass; o monopólio americano de produtos farmacêuticos Pfizer, que possui 80 unidades industriais espalhadas por 29 países.

Enquanto crescem desmesadamente os lucros dos bancos e das grandes companhias, diminui continuamente o poder de compra das massas populares, aumentam as dificuldades das classes médias da cidade e do campo.

(continua na pág. 5)

## PARALISAÇÕES E GREVES em Fábricas de Conservas do Algarve

### AVANTE NA LUTA OPERÁRIAS CONSERVEIRAS

Às 11 horas da noite, na União Conserveira do Algarve, em Mixelhoeira Grande, as 400 operárias paralisaram o trabalho em sinal de protesto contra o regime de exploração existente na empresa. Participaram no movimento os 30 operários conserveiros que compõem o resto do pessoal.

Na Fábrica Féu & Hermanos, igualmente em Portimão, operárias e operários, em número de 300, estiveram em greve durante 7 dias por motivo de solidariedade para com um seu camarada injustamente despedido, e impuseram o seu regresso ao patrão,

Esta corajosa luta das operárias conserveiras do Algarve exprime o grau de revolta contra a exploração que lavra na indústria das conservas. Salários de miséria que andam por 28\$00 diários. Exploração desumana. Horário que não tem horas de começar nem de acabar. Roubos nos salários. Castigos infames. Insultos e actos desrespeitosos de encarregados e patrões. Promessas de aumento de salários que não se cumprem. Predomínio das operárias adventícias a quem são recusados os mais elementares direitos. Reforma de 300\$00 mensais para as

(continua na pág. 5)

## Comunicado SOBRE A SITUAÇÃO no movimento comunista internacional

1

A identidade de interesses de todo o campo socialista e da classe operária de todos os países na luta contra o imperialismo é uma realidade objectiva que não pode ser destruída, nem por divergências de carácter ideológico, nem pela recusa de tal ou tal partido irmão à unidade na acção prática com os demais partidos.

A unidade de objectivos e de acção dos comunistas do mundo, que esteve na base das vitórias históricas do socialismo, hoje mais do que nunca é necessária.

A bárbara guerra de agressão do imperialismo norte-americano contra o heróico povo do Vietnam exige particularmente a acção comum de todos os países socialistas e de todos os partidos socialistas.

A defesa da unidade do movimento comunista internacional, a defesa da unidade e cooperação de todos os países socialistas continua a ser um elevado critério da fidelidade ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário, aos ideais que sempre inspiraram e continuam inspirando a luta dos comunistas de todos os países.

2

Os acontecimentos na China em torno da chamada «revolução cultural proletária» criam uma nova e perigosa situação no movimento comunista.

Se se tratasse de uma verdadeira revolução cultural, seria questão interna do Partido Comunista da China. Mas a chamada «revolução cultural proletária» é, no essencial, a cobertura duma campanha nacionalista e chauvinista directamente dirigida contra a URSS e outros países socialistas, contra o movimento comunista internacional, contra os comunistas chineses que ousam defender a amizade com a URSS e com os partidos irmãos.

Mao Tsé Tung proclama, como princípio fundamental da sua política, a cisão do campo socialista e do movimento comunista. Seria ilusório pensar que o silêncio dos partidos irmãos sobre os acontecimentos, a falta de resposta às históricas e caluniosas acusações anti-soviéticas, levariam alguma vez Mao e o seu grupo a reconsiderarem a sua posição, a corrigirem a sua política, a procurarem a amizade e a unidade com a URSS, com os outros países socialistas, com os partidos irmãos.

O Partido Comunista Português, jamais esquecendo as grandes vitórias revolucionárias dos comunistas e do povo da China confia em

(continua na pág. 2)

## DE PÉ TRABALHADORES! CONTRA A CARESTIA DA VIDA O PÃO E O LEITE NÃO DEVEM SER AUMENTADOS

Sobre a pressão das massas trabalhadoras nas fábricas, nos campos, nos portos, nos escritórios, nos sindicatos, o patronato e o governo têm sido obrigados a ceder aumentos de salários e ordenados e a satisfazer outras reivindicações tais como, mais dias de férias, segurança no trabalho, aumento de pen-

sões, abonos de família, etc.. Porém, tudo isto, que está ainda muito longe de ser geral, é insuficiente, fica muito aquém da subida constante do custo de vida.

A classe operária e as massas trabalhadoras da cidade e do campo têm absoluta necessidade de aumentar a sua pressão sobre o patronato, os sindicatos e as autoridades através da luta diária na empresa, nos sindicatos e junto das autoridades por aumento geral de salários compatíveis com o custo de vida.

Foi o próprio governo que com o já célebre «imposto de transacções» anulou os aumentos de salários obtidos antes pelos trabalhadores à custa de dura luta, assim como os ordenados do funcionalismo público, dos ferroviários, etc., que viriam a ser concedidos pouco depois. Pois bem, Salazar e a sua camarilha preparam um novo imposto, dito de guerra, que tomberá pesadamente sobre todos os trabalhadores, agravando ainda mais as suas condições de vida.

### ORGANIZAI E INTENSIFICAI A LUTA

O aumento do custo de vida atinge tais proporções e provoca tal indignação e queixumes que até mesmo jornais de grande circulação os reflectem em sátiras apropriadas. Eis algumas: «Com todos estes aumentos, é uma sorte o ano ter passado apenas de 1966 para 1967». Representando um termómetro com o mercúrio abaixo de zero, uma outra dizia: «É a única coisa que desce neste país». E uma outra: «Não se queixe, amigo. Lembre-se que ainda não foi lançado o imposto sobre os impostos que o cidadão paga».

A indignação e os queixumes são compreensíveis mas, por si só, não

impedirão que os preços continuem a subir. A indignação e os queixumes devem dar lugar à luta decidida e organizada nos mercados, nas lojas e armazéns, nas fábricas e empresas, nos bairros e nas aldeias, junto das autoridades administrativas, por toda a parte.

A vigilância permanente das massas, a organização das massas, a luta permanente de massas são absolutamente necessárias para impedir novos aumentos do custo de vida e obter novos aumentos de salários e ordenados.

(continua na pág. 2)

# DE PÉ TRABALHADORES! CONTRA A CARESTIA DA VIDA

## Organizar a luta contra o aumento dos Transportes Colectivos

(continuação da pág. 1)

Em números anteriores do «AVANTE!» previmos o aumento dos transportes colectivos de Lisboa e alertámos o povo contra ele. As notícias publicadas na imprensa confirmam que os desejos do monopólio inglês dos transportes colectivos de Lisboa foram satisfeitos. O governo fascista, a Câmara Municipal mostraram mais uma vez que servem os interesses dos imperialistas estrangeiros contra os legítimos interesses do povo. Os preços dos bilhetes dos «eléct-

tricos» e escensores foram aumentados.

Os laçãos do imperialismo instalados na Câmara Municipal de Lisboa aguardam o momento oportuno para dar satisfação ao pedido da Carris para que seja também aumentado o preço dos bilhetes de autocarros.

A Carris transporta diariamente 1 milhão de passageiros. Aceitando este número como verdadeiro e considerando apenas o preço de uma zona verifica-se que os monopolistas ingleses arrecadam diariamente 800 mil escudos.

O aumento do preço dos bilhetes provocou o descontentamento geral. Mas é preciso ir mais longe. Impõe-se organizar a luta contra o aumento do preço dos transportes colectivos em Lisboa, Porto e

Coimbra.

Ações de protesto junto das câmaras municipais! Concentrações do povo de Lisboa junto da Carris!

## Mobilizar o povo de Lisboa contra o aumento do preço do leite

A «União das Cooperativas Abastecedoras de Leite (monopólio criado pela camarilha salazarista) tornou público, no passado dia 9 de Janeiro, pela boca do seu administrador, Sr. Lúcio Nunes, que o leite não faltava em Lisboa. Uma tal afirmação provoca espanto que, porém, depressa se desvanece. O

Sr. Lúcio Nunes não mentia, ele ia explicar apenas como a U.C.A.L. metia a mão mais fundo nos bolsos do consumidor, em particular do consumidor popular.

Assim, o leite comum, que é vendido a 3\$20, começou a faltar nos postos de venda, atingindo a redução nalguns a ordem dos 75%. Noutros falta completamente, a pretexto de que é reservado para «as receitas médicas» (!).

O lucro obtido pelo leite comum já há muito não satisfaz a U.C.A.L., como monopólio que só se contenta com super-lucros. Daí a extração de natas e a fabricação de manteiga e outras traficâncias. Daí, já não a simples higienização ou pasteurização do leite para ser vendido mais caro \$50 em litro, mas a criação de tipos de leite: esterilizado a 4\$60 o litro e o tipo especial a 5\$80, e ainda o baunilhado é com chocolate, estes ainda mais caros.

# Movimento Comunista Internacional

(continuação da pág. 1)

que, no Partido Comunista da China, militantes fiéis ao internacionalismo proletário, ao marxismo-leninismo, trabalham para reconduzir o seu partido à justa posição de defesa da cooperação e amizade com os outros países socialistas e com todo o movimento comunista internacional. O Partido Comunista Português confia em que os comunistas chineses se acabarão por juntar fraternalmente à grande família comunista internacional. O Partido Comunista Português defende que se continue sempre insistindo na necessidade do diálogo e entendimento com o Partido Comunista da China.

Mas, pelos seus deveres para com a classe operária portuguesa e para com o movimento comunista internacional de que é destacamento, não pode silenciar o curso cada vez mais aventureirista da política de Mao e outros dirigentes chineses, que ameaçam as próprias conquistas da grande revolução chinesa, que cria factores extremamente perigosos nas relações entre estados socialistas e entre partidos irmãos, que, objectivamente, só aos imperialistas pode aproveitar.

Os comunistas de todo o mundo têm o dever de fazer frente com coragem e determinação à política cisionista e de responder às tentativas de cisão com a sua unidade.

3

O Partido Comunista Português defende firmemente os princípios da igualdade, independência e soberania dos partidos comunistas e operários e da não ingerência de quaisquer partidos na vida interna de outros. Defende que esses princípios devem ser escrupulosamente respeitados independentemente da posição de cada partido em relação aos problemas controvertidos no movimento comunista internacional. E considera que, dentro destes princípios, as conversações bilaterais e multilaterais para troca de experiências e de opiniões e os encontros regionais com fins de cooperação com objectivos concretos, são formas eficientes de aprofundar o entendimento, a mútua-compreensão, a amizade e a cooperação

dos partidos comunistas e operários. A experiência dos últimos anos mostrou que, dentro destes princípios, é possível a aproximação e o rápido melhoramento das relações, mesmo entre partidos que têm pontos de vista diferentes sobre variados problemas.

O desenvolvimento favorável das relações entre a maioria esmagadora dos partidos irmãos verificado nos últimos tempos é motivo de alegria para todos aqueles cuja acção política é inspirada pelos interesses da grande causa do comunismo. O facto de tal desenvolvimento favorável desagradar aos dirigentes chineses não pode evidentemente desviar os partidos irmãos do caminho que traçaram e cuja eficiência os factos comprovam, para o reforço da sua unidade. O receio de desagradar àqueles que abertamente põem como objectivo da sua política a cisão do movimento comunista não deve impedir as iniciativas para reforço da amizade, da cooperação, da acção comum, daqueles que insistentemente defendem a unidade.

A possibilidade deve continuar sempre aberta a que o Partido Comunista da China, logo que o deseje, possa buscar em comum com todos os partidos os caminhos que conduzam à superação das grandes dificuldades actualmente existentes e a uma nova aproximação. Mas seria absurdo reconhecer aos cisionistas o direito de impedirem pela sua desaprovação e pelos seus ataques quaisquer iniciativas dos partidos irmãos que tenham em vista o reforço da sua unidade.

4

Dentro desta ordem de ideias, o Partido Comunista Português, considera que na situação actual, uma nova Conferência Mundial dos Partidos Comunistas e Operários não deve deixar de realizar-se só porque os dirigentes chineses atacam violentamente tal iniciativa, como atacam tudo quanto parte do Partido Comunista da União Soviética e da quase totalidade dos partidos irmãos.

O Partido Comunista Português já por diversas vezes se manifestou favorável à realização de uma nova

Conferência Mundial. Mas sempre se manifestou também pela necessidade duma preparação extremamente cautelosa, com atento exame das opiniões e sugestões de todos os partidos, assim como das reservas que alguns possam fazer. Precipitações na fase preparatória, podem comprometer ou limitar os resultados que se pretendem. Para que duma Conferência Mundial possam ser tirados resultados positivos impõe-se considerar com grande objectividade e um trabalho de ampla cooperação dos partidos irmãos que desejem cooperar todos os seus aspectos e todas as suas possíveis incidências.

No entender do Partido Comunista Português nenhuns esforços devem ser poupados para conseguir a participação na Conferência do maior número de Partidos. E, para que isso seja alcançado, considera necessária a apreciação colectiva anterior, pelo maior número possível de partidos, não só da ideia geral da oportunidade da Conferência, mas da definição concreta dos seus objectivos, dos métodos de trabalho preparatório, da composição, etc..

O Partido Comunista Português considera uma nova Conferência Mundial como um instrumento de defesa e consolidação da unidade do movimento comunista. Considera por isso também que a Conferência se deve propôr, não só o reforço da unidade dos partidos participantes, como resultados construtivos abertos a partidos que, por quaisquer razões, decidem não participar.

Destacamento do movimento comunista internacional, o Partido Comunista Português continuará guiando-se na sua actividade pela ideia da defesa e reforço da unidade do movimento comunista internacional e, pela sua parte, tudo fará para reforçar os laços de amizade e cooperação com os partidos irmãos de todos os países.

Janeiro de 1967

O Comité Central do Partido Comunista Português

Recebendo preços de ruína pelo leite e sujeitos ainda às prepotências e roubos suplementares por parte dos grandes industriais de lacteíneos e dos monopólios abastecedores de leite (para o caso cobertos com o manto de cooperativas), os produtores, não podendo mais, vendem as vacas. É o governo que faz para solucionar este problema nacional? Aprofunda ainda mais a sua política de traição nacional ordenando a importação de leite de Espanha.

A manutenção do preço actual do leite está nas mãos do povo de Lisboa e arredores. Como? Mobilizando-se para a acção imediata junto das Câmaras e do ministro da Economia e mantendo-se permanentemente em vigilância activa.

## Contra o aumento do preço do pão luta organizada das massas populares

Afrouxar a vigilância das massas significará facilitar as manobras que se tramam nos bastidores para aumentar o preço do pão.

O monopólio da moagem e da importação de trigo é o primeiro interessado nesse aumento, embora aparentemente se mantenha em silêncio. Ele dispõe de outros meios de pressão para o conseguir: dificulta a vida aos pequenos e médios industriais, quer fornecendo-lhes más farinhas, quer roubando no peso e nas taras, quer impondo preços mais elevados a pretexto de se tratar de farinha de melhor qualidade, etc.. E, naturalmente são os industriais de panificação que começam a reclamar publicamente o aumento do pão. Clamam pela «descida do preço da farinha ou subida do custo do pão».

O problema, porém, deve ser colocado de outra maneira, ou seja: Menos lucros para o monopólio da moagem e da importação de trigo, fornecimento de farinha de boa qualidade aos industriais de

(continua na pág. 4)

# CONTRA A EXPLORAÇÃO ORGANIZAR E REFORÇAR A LUTA

## TRABALHADORES! INTENSIFIQUEI A ACÇÃO por aumento de salários

Na era da ditadura fascista, do capitalismo monopolista do Estado a exploração da classe operária toma formas mais requintadas. Toma formas «científicas». Chama-se trabalho à «ficha» ou trabalho a «prémio». Chama-se trabalho com direito ao «mérito». Sob o novo signo da exploração capitalista o roubo dos salários é muito maior, o lucro que os trabalhadores concedem ao patronato está em relação directa com esse roubo.

Deste facto se devem dar conta os trabalhadores para intensificarem a luta.

### Melhores salários trabalhadores da Lisnave

Nesta empresa da CUF capitalistas suecos e holandeses, de mãos dadas com capitalistas portugueses introduziram métodos requintados de exploração, estudados e divulgados no Centro de Aperfeiçoamento Profissional. Foi introduzido o trabalho à «ficha», que estabelece o ritmo de produção para cada operário. Desenvolve-se em larga escala o trabalho esgotante das horas extraordinárias.

Os trabalhadores deixam ali suor e forças. Os capitalistas recebem-nos sobre a forma de lucros astronómicos.

Mas os salários não aumentam. É uma tal exigência que os trabalhadores devem colocar.

Horários de oito horas e melhores salários. Em vez das horas extraordinárias melhores salários.

Contra os ritmos esgotantes de produção melhores salários.

Organizai e luta e passai à acção, trabalhadores da Lisnave!

### Contra o «mérito» trabalhadores da UFA

Lavra grande indignação na UFA do Lavradio por causa do trabalho com direito ao «mérito». Os senhores da CUF procuram dividir os operários, utilizando esta forma de exploração.

Trabalhadores da UFA! Sabei responder às manobras do patronato! Inclusão do «mérito» no salário geral dos operários!

### Um êxito dos operários da CUF

Os «senhores» da CUF criaram na empresa do Barrêiro a chamada Comissão Interna da Empresa (CIE), para a utilizarem como instrumento da sua demagogia. Os trabalhadores têm transformado a CIE em arma de combate contra os seus exploradores.

Nas últimas eleições para este organismo, os operários registaram um importante sucesso. Através de uma acção coordenada e de uma

larga mobilização bateram os laços do patronato e elegeram homens da sua confiança.

Conjugar a acção da CIE com formas ilegais e semi-legais de luta é abrir caminho a novos êxitos para a satisfação das reivindicações imediatas dos trabalhadores da CUF.

### Greve na Parry & Son

Sábado à tarde, na véspera de Natal, os operários da Parry & Son fizeram greve, impondo assim um pedido seu, que dia antes a gerência recusara.

O meio dia de descanso que os operários reclamaram foi conquistado pela luta, pela ausência total ao trabalho.

Bravo, trabalhadores da Parry & Son! Com a mesma unidade e a mesma decisão prossegui em novas lutas.

### Os bancários lutam

Os bancários voltam à luta. O último contrato colectivo não podia servir. As reuniões e concentrações, após insistentes diligências no sindicato, fizeram chegar às autoridades competentes um abaixo-assinado subscreito por 1.600 assinaturas reclamando um novo contrato colectivo.

## OS MILITARES LEVANTAM-SE contra a opressão nos quartéis

### A nossa juventude não pode morrer em defesa do colonialismo

A formação militar dos soldados e marinheiros tem um objectivo: preparar a nossa juventude para a guerra colonial.

Mas o ambiente nos quartéis é de descontentamento e de revolta.

Na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, reina grande indignação. Os treinos militares são de tal violência para o Corpo de Oficiais Milicianos que vários deles adoecem e têm de interromper os exercícios para dar entrada na enfermaria.

Na Escola de Fusileiros Naveis, em Vale de Zebro, a preparação militar é exaustiva. O rancho tem sido intragável. Por isso o descontentamento se generalizou.

Quando, há algum tempo, serviram aos fusileiros dobrada podre ao almoço, registou-se um levantamento parcial de rancho. À tarde o peixe da refeição estava estragado. O levantamento foi total. No refeitório os fusileiros começaram a protestar. Batiam com os pratos e os talheres na mesa e insultavam o oficial. Este tentou abafar os pro-

testos. Convidou a abandonar o refeitório todos os que não quisessem comer. A reacção foi imediata. Os mil fusileiros presentes saíram para o exterior gritando em coro: «temos fome!» «Temos Fome!».

No dia seguinte o rancho foi melhorado. A acção unida dos fusileiros evitou castigos e perseguições.

Na fragata Corte-Real, o capitão-tenente Elpidio, tinha estabelecido o seu reino de tirano. Os vexames, abusos e castigos eram constantes. A guarnição reagiu, depois de muitos protestos surdos. Em perfeita unidade recusou-se a abandonar o navio e resolveu não sair de licença durante três dias. Numa carta ao comandante os marinheiros deram conta do que se passava. Em consequência desta luta, o capitão-tenente Elpidio mudou radicalmente de atitude.

### Seis anos depois a guerra continua

Há seis anos que a guerra de Angola começou. A 4 de Fevereiro, sob a direcção do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) iniciou-se a luta de libertação.

Durante este longo período o governo fascista gastou milhões de contos para esmagar a justa aspiração do povo angolano à independência e à liberdade. Milhares e milhares de jovens portugueses e de jovens africanos morreram em combate.

Mas não é pela Pátria que os nossos soldados morrem. Tombam em África em defesa do colonialismo, para que floresçam as grandes fortunas dos Espirito Santo, Cu-perlino de Miranda, Vieira Machado, Paulo Cunha, Supico Pinó e de muitos outros.

A causa do colonialismo não é a causa dos nossos soldados, não é a causa do nosso povo.

A nossa juventude não pode sacrificar a sua vida pela mais injusta das guerras e pela mais criminosa das causas.

Jovens soldados! Jovens marinheiros! Jovens operários e camponeses! Sabotai a guerra colonial! Organizai deserções em massa! Revoltai-vos nos quartéis e nos navios!

### OUTRAS LUTAS

Na Construtora Abrantina houve concentrações dos operários diante dos escritórios da empresa para pedir aumento. Os patrões não quiseram satisfazer o pedido. Os trabalhadores recusaram-se a trabalhar, apesar da presença ameaçadora da GNR. Na Trefilaria de Sacavém os operários obrigaram o patronato a renunciar à semana de 5 dias.

Trabalhadores! Reforçai a unidade! Insisti na luta!

## NÃO BASTA TOMAR RESOLUÇÕES é necessário levá-las à prática

Há nas fileiras do Partido camaradas que pensam que uma vez tomada uma resolução pelo Comité Central basta editar um manifesto, publicar um artigo no «MILITANTE» ou no «AVANTE!» e tudo irá por si. Ou melhor, tudo ficará na mesma.

Esclarecer, divulgar, insistir tem sem dúvida muita importância, para que se leve à prática uma resolução. Mas esta só poderá ser aplicada se ganhar o apoio, o interesse, o estímulo, a dedicação, a capacidade de iniciativa dos militantes.

A reunião de Agosto do Comité Central trouxe a todo o Partido importantes conclusões. Lançou um brado de alerta sobre as graves deficiências que se manifestam no Partido, sobre as dificuldades que atravessamos. Analisou e criticou os métodos de trabalho e formas de organização que criam sérios embaraços à actividade do Partido. O Comunicado do Comité Central estabeleceu as linhas gerais da orientação para que possamos vencer as dificuldades actuais e melhorar toda a actividade partidária.

São volvidos cinco meses sobre as conclusões tomadas. Perguntamos: que participação deram já as organizações e militantes? Que iniciativas tomaram? Quais os resultados que delas tiraram para o desenvolvimento do trabalho? Que medidas pensam pôr em prática para a realização das tarefas que foram colocadas na reunião de Agosto do Comité Central?

Há camaradas que aguardam que o Comité Central lhes leve as soluções completas, inteiramente amoldadas ao seu trabalho, sem que eles tenham que reflectir e encontrar as soluções apropriadas às tarefas que se apresentam.

Tais atitudes comprovam que esses camaradas não compreenderam as resoluções da reunião de Agosto, nem assimilaram a orientação que nela foi estabelecida.

Os camaradas que tomam uma posição de expectativa, que se ficam à espera da orientação dos organismos superiores, vivem aferrados aos processos de rotina e não procuram encontrar as soluções que mais se impõem para fazer avançar o Partido.

É necessário que em todo o Partido cresça o espírito de iniciativa e de responsabilidade e se combata com intransigência a rotina, o burocratismo, a indisciplina, o trabalho irresponsável que entorpeça e põe em perigo a actividade partidária.

Estudemos e assimilamos a orientação do Partido saída do VI Congresso e da última reunião do Comité Central. Precisamos de vencer as dificuldades do momento e alargar e consolidar o papel dirigente do Partido.



# UNIDOS CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO PAÍS

## pela extinção das bases militares estrangeiras

A continuação da política militarista da ditadura, em particular a continuação da guerra contra os povos das colónias de Angola, Moçambique e Guiné, provocará novo agravamento nas condições de vida das massas populares e uma dependência ainda maior dos imperialistas estrangeiros, particularmente dos norte-americanos e oeste-alemães e poderá provocar mes-

mo uma verdadeira catástrofe nacional, se a classe operária, as massas trabalhadoras da cidade e do campo, se todos os democratas e patriotas portugueses não se unirem a tempo numa ampla e poderosa frente de combate para barrar o caminho à política de verdadeira traição nacional dos monopólios e do seu governo — o governo fascista de Salazar.

formar-se, num curto período de tempo, de voluntário em obrigatório.

Na Assembleia Nacional fascista, em 25 de Janeiro do corrente ano, o brigadeiro Fernando de Oliveira preconizou a criação de um Instituto Superior de Defesa. Um dia antes, na mesma Assembleia, a deputada Ester de Lemos pedia a organização de uma polícia feminina, para se ocupar «dos casos das crianças em perigo moral» enquanto o deputado Pinto de Mesquita preconizava a obrigatoriedade da milícia na juventude. Numa moção ali aprovada, declarava-se: «Que, em apoio ao esforço da juventude na defesa do Ultramar se mobilize adequadamente a opinião pública nacional».

A nomeação recente do major Silva Pais e do tenente Jorge Fer-

reira, respectivamente director e inspector superior do bando da PIDE, para os cargos de inspector-geral e inspector superior das Actividades Económicas, enquadra-se num plano geral de militarização do País.

Se é verdade que todas estas declarações e medidas revelam um claro sintoma de agravamento das dificuldades com que o regime se debate, cometeríamos um erro imperdoável se subestimássemos as suas graves consequências para o povo português, se cruzássemos os braços à espera que tudo se desmoronasse por si. O nosso dever, o dever da classe operária, de todos os democratas e patriotas portugueses é unirmo-nos no combate contra tais medidas, é combater, unindo-nos, com vista a evitarmos maiores sofrimentos ao povo português.

### UNIDOS NO COMBATE DIÁRIO

#### CONTRA AS DESPESAS MILITARES

#### CONTRA OS IMPOSTOS DE GUERRA

A «prioridade» para as despesas com a guerra colonial, chamada de defesa da integridade pátria, consome cada vez maiores somas arrancadas à miséria do povo e exige cada vez mais soldados arrancados ao trabalho produtivo pacífico. Daí toda uma série de medidas tendentes à militarização de toda a vida nacional.

De uma despesa total de 20.204.300 contos, orçamentadas para 1967, serão gastos com a guerra colonial, outras despesas militares no âmbito do Pacto do Atlântico e com as forças repressivas a bonita soma de 8.065.700 contos. Isto sem contar com centenas de milhares de contos a dispendir pelos ministérios das Comunicações e das Obras Públicas para a construção e ampliação de aeródromos, portos de mar e estradas de carácter militar em Portugal e nas colónias.

A política militarista seguida pela camarilha salazarista e a guerra colonial proporcionam aos monopólios lucros fabulosos. Em Angola, uma empresa ligada ao Banco Português do Atlântico, que lhe custara 6.500 contos, rendeu-lhe num só ano cerca de 3.500 contos

de lucros.

Ao povo, porém, uma tal política anti-nacional custa miséria e dor. Neste preciso momento, Salazar e o seu governo preparam um novo golpe contra as já difíceis condições de vida do povo laborioso.

O novo imposto de guerra, que Salazar manipula em silêncio, poderá representar ou o agravamento do «imposto de transacções», ou uma tributação especial sobre todos os rendimentos, incluindo todos os salários dos trabalhadores da cidade e do campo.

Operários e camponeses, empregados e intelectuais, pequenos e médios industriais e comerciantes, todos estão ameaçados com novas cargas. Paralelamente à intensificação das suas lutas específicas por reivindicações próprias, todos têm necessidade de darem as mãos, de criarem formas de organização para coordenarem as suas acções, de se unirem nos combates contra o aumento do custo de vida, contra os impostos de guerra, pelo fim da guerra colonial, contra a ditadura fascista de Salazar, pelas liberdades democráticas.

### UNIDOS CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO PAÍS

Para fazer face ao agravamento da situação militar em Angola e Moçambique, as tropas que ali se encontram foram aumentadas com 9 batalhões e respectivo material, sendo 4 para Angola e 5 para Moçambique.

Actualmente, encontram-se em Angola, Moçambique e Guiné cerca de 110.000 soldados que nada produzem, mas em contrapartida desbaratam somas astronómicas. E já uma proposta de lei apresentada na Assembleia, que naturalmente será aprovada pelos pupilos de

Salazar, pede o prolongamento do serviço militar para 3 anos e a introdução, «a título voluntário», do serviço militar feminino. Por si só, esta medida mostra que a guerra colonial toma aspectos muito graves para os colonialistas, mas também para o povo português, que a paga e perde nela o melhor da sua juventude. E mostra ainda que a camarilha salazarista se prepara passo a passo para militarizar toda a vida e todas as actividades nacionais. O serviço militar para as mulheres pode muito bem trans-

### CONTRA O AUMENTO DO PREÇO DO PÃO

#### LUTA ORGANIZADA DAS MASSAS POPULARES

(continuação da pág. 2)

panificação a preços mais baixos, exigência a estes de pão bem fabricado e de boa qualidade aos preços actuais.

É, pois, contra o monopólio da moagem e o governo que o serve (e condecora os seus dirigentes, como sucedeu recentemente) que os industriais de panificação se de-

vem voltar em vez de procurarem resolver as suas dificuldades à custa do povo.

As massas populares devem redobrar de vigilância e organizarem por toda a parte protestos massivos contra qualquer espécie de aumento do preço do pão. Se o não fizerem, o pão será aumentado. Mas o pão não pode, não deve ser aumentado!

### UNIDOS CONTRA A INSTALAÇÃO DE BASES MILITARES ESTRANGEIRAS

A militarização do País opera-se também através da instalação de bases militares estrangeiras.

Não satisfeito em pôr à disposição da OTAN uma infinidade de quartelamentos, bases aéreas e marítimas, depósitos, a camarilha salazarista entregou aos norte-americanos a grande base aérea das Lajes (Açores) e cedeu parcelas do território nacional, em Beja, aos revanchistas da Alemanha Federal, na ilha das Flores (Açores) à França, e permitiu recentemente a instalação, em Mem Martins do Quartel General da Zona Ibero-Atlântico (IBERLANT). Há pouco uma missão militar do Pacto do Atlântico visitou em Portugal as bases de Montijo, Alverca, Espinho, Ovar e Pedras Rubras, com vista à instalação do Centro de Abastecimento da OTAN até aqui instalado em França. Em Vila Chã, a 14 quilómetros do Porto, na estrada Porto-Póvoa do Varzim (para o lado do mar), procede-se à expropriação apressada de terrenos para neles serem construídas obras militares no âmbito do Pacto do Atlântico, que tanto podem ser grandes depósitos de armamentos como ram-

pas de lançamento de mísseis. O facto de serem alemães os seus construtores pode significar que se trata de uma nova base militar para os revanchistas da Alemanha Federal.

Ante uma tal situação, a classe operária, as massas trabalhadoras, os democratas e patriotas portugueses não podem ficar inactivos. Todos, nas suas respectivas esferas de acção, nas fábricas, nos campos; nas escolas, nos bairros, em toda a parte, devem organizar conversas e concertar acções contra a instalação de bases militares em território nacional, pela entrega imediata das bases já instaladas ao exército português ou seu desmantelamento.

Fora com os alemães da base de Beja! Fora com os norte-americanos da base das Lajes! Fora com os franceses da base das Flores! Para fora de Portugal todos os serviços do Pacto do Atlântico nele instalados! Tais palavras de ordem devem ser popularizadas de norte a sul do País, inscrevendo-as nos muros, nas estradas, em cartazes colocados em locais visíveis e concorridos.

### BAIRROS DA LATA

#### ou «a cada família o seu lar»

Os salários médios dos trabalhadores são incompatíveis com as actuais rendas de casa nas cidades. Por isso as famílias mais necessitadas são obrigadas a viver amontoadas em partes de casa, quando o desemprego, a doença ou o agravamento da miséria as não altram para insalubres casebres. Deste modo, a multiplicação dos «bairros da lata» já transbordou das regiões periféricas das grandes cidades para as suas zonas centrais.

Na sua miséria gritante, um bairro da lata instalado em plena Avenida de Berlim, é, porém, uma presença incómoda para a grande burguesia vizinha confortavelmente instalada em habitações luxuosas, e uma imperitante acusação para o seu governo fascista. Por isso, sem mais delongas e depois de embolsar as rendas de Dezembro, perdendo o amor a uma parcela da sua torpe negócios, a Câmara decidiu bruscamente a destruição das barracas naquela moderna Avenida. Com o auxílio das forças repressivas, sem o menor respeito por crianças e velhos, alguns grave-

mente doentes, foram assim deixadas sem lecto e sem abrigo dezenas de famílias, que a Câmara não tencionava de forma alguma alçar.

Durante a época invernal, a vida nos «bairros da lata» decorre no meio de sobressaltos e tragédias. Os desabamentos e os incêndios são desastres frequentes que devoram casebres e seres humanos. O último de que tivemos notícia, ocorreu na madrugada do dia de Natal, nas barracas do Alto Pina: dois mortos, entre os quais uma criança, além dos feridos, são vítimas inocentes a juntar à longa lista de críminosa política de habitação salazarista. Também eles eram «inquilinos» da Câmara Municipal de Lisboa!

«A Cada Família o seu Lar» diz sem vergonha o chefe supremo de um governo que se diz cristão e fez inscrever a família na sua célebre trilogia. Mas o responsável pela proliferação dos «bairros da lata» e crescente miséria do povo português é este governo hipócrita e os monopólios que ele serve.

# Unidade das Forças Democráticas para o derrubamento da ditadura

## ILUSÕES E PERIGOS

### PARA A LUTA DOS DEMOCRATAS

(continuação da pág. 1)

Estamos em face de um regime fascista cuja obra de traição nacional e cuja política trouxeram as mais trágicas consequências para a classe operária e as massas trabalhadoras e outros sectores sociais.

Um tal regime deve ser varrido do poder. Essa é a aspiração do povo português e das forças democráticas.

Mas como varrer o regime fascista do poder?

No seio da ditadura crescem as contradições, porque se avolumam as dificuldades, os insucessos, as derrotas militares e políticas, porque crece a crise do regime. Há sectores das forças monopolistas profundamente preocupados com a presente situação. Procuram reforçar o seu poder, ao mesmo tempo que buscam outras soluções, mantendo a máquina fascista do Estado. Como perspectiva imediata falam de uma nova remodelação ministerial, que assegure a continuidade do regime, pois preocupam-se também a sucessão de Salazar. Apontam os nomes dos novos ministros, mas todos eles são homens dos monopólios. Para castrar a luta democrática e evitar o reforço da Unidade agitam insistentes boatos, acenam com uma «liberalização do regime» à maneira espanhola.

As manobras dos monopólios não deixam insensíveis certos democratas. No seio do anti-fascismo português assinalam-se manifestações e registam-se atitudes que demonstram a evidência o tipo de solicitações provocadas pela acção do inimigo.

É certo que as forças democráticas não podem e não devem ignorar o que se passa do lado de lá da trincheira. Mas uma tal atitude nada tem a ver com a aceitação dos pontos de vista expressos pelos representantes do fascismo e dos monopólios capitalistas, que agem e manobram para resistir à sua derrota inevitável.

O que se verifica na realidade?

Verifica-se que há democratas que confiam numa liberalização do regime e aguardam uma tal solução. Em vez de uma solução revolucionária eles escolhem e defendem uma solução pacífica. Em vez da acção popular, do reforço da unidade, do desenvolvimento da luta e da sua organização esses democratas mostram-se estranhos a estes processos de actividade e recorrem a um tipo de acção legalista e conciliatória, que não assiste aqueles que do lado de lá acenam com a «liberalização do regime», para continuar a servir os

monopólios. Esses democratas propõem-se «fazer ouvir a voz responsável de uma parte importante da Nação—que não deve ser ignorada, por sistema—mas sem qualquer espírito de azeda polémica e, muito menos, de divisão nacional.» (Os sublinhados são nossos) —como se afirma numa carta enviada a Salazar, na qual se pede autorização para realizar uma série de conferências.

Através dessas conferências pretende-se demonstrar, como se assinala no documento em questão, que em Portugal há gerações novas, preparadas com o sentido de auto-moderação e do possível.

Este «sentido de auto-moderação e do possível» reflecte-se em outras posições, publicamente definidas pelos signatários e por outros democratas numa carta enviada ao presidente da República, em Novembro passado.

Nesse documento que tem, sem dúvida, críticas justas ao regime, os signatários reclamam do actual presidente da República a demissão de Salazar, «crentes na possibilidade de uma evolução pacífica e a fim de evitar a trágica confrontação dos exirerismos ideológicos». E requerem igualmente do almirante Américo Tomás, do homem de palha dos monopólios, «a criação de um governo de transição e de união nacional com a participação de representantes das forças armadas.»

Se um tal objectivo viesse a concretizar-se, teríamos o salazarismo

sem Salazar, pois ele não visa nem a destruição da ditadura fascista nem o ataque aos monopólios.

Estes caminhos são invios e perigosos e não servem a causa da Democracia e da Unidade, porque voltam as costas à activa participação popular, na luta democrática,

porque conduzem ao imobilismo político, porque se afastam das perspectivas reais da luta anti-fascista contra o governo da ditadura e enfraquecem essa luta, porque parecem ignorar uma característica fundamental do regime: a sua extrema violência.

## FORJEMOS UMA UNIDADE COMBATIVA

Não se destroi a ditadura sem a luta da classe operária e das massas populares, sem o desenvolvimento dessa luta. A classe operária e as massas populares são a força fundamental do combate.

Não se derruba o fascismo sem uma unidade efectiva, soldada numa organização eficiente, das forças democráticas. Esta unidade não está ainda criada e urge criá-la, combatendo as manobras do inimigo para manter a divisão. Mas não podemos ignorar nem as dificuldades nem os perigos que surgem para a realização da Unidade.

Até hoje as forças anti-fascistas não foram capazes de se unir e de forjar as condições de luta necessárias para varrer a ditadura. É uma grave deficiência que não pode ser considerada de ânimo leve. Essa grave deficiência deve ser vencida pelo combate às manobras divisionistas do inimigo, pela busca de soluções comuns, de uma plataforma comum, pelo reforço e alargamento da Unidade, tendo em vista a luta contra a ditadura e o derrubamento desta.

A solução do problema político português não pode resultar de um golpe de palácio, realizado por um dos mais convictos servidores de Salazar, o almirante Américo To-

más.

A solução do problema político português está nas mãos da classe operária e do povo. É em torno das lutas populares que se desenvolverá a acção das forças democráticas e se criarão as condições para a destruição do fascismo.

É em torno da unidade da classe operária e da sua luta que se forjará o sistema de alianças dos vários sectores sociais que se opõem à ditadura. A unidade da classe operária constitui o mais sólido fundamento da unidade anti-fascista.

Defrontamos um inimigo que representa o poder da oligarquia financeira. Necessitamos de lançar contra ele forças poderosas, capazes de vencê-lo. Tais forças existem. São as forças da classe operária e do povo. São as forças democráticas. Mas essas forças estão ainda débilmente organizadas e a unidade é precária.

A batalha dos comunistas, dos socialistas, dos católicos progressivos, dos liberais, de outras correntes e personalidades democráticas deve empenhar o máximo de esforços para forjar uma verdadeira unidade combativa, alicerçada na acção do povo, visando o derrubamento da ditadura.

## PARALISÂOES E GREVES

### Avante na luta operárias conserveiras

(continuação da pág. 1)

operárias do quadro, de 100\$00 para as operárias adventícias.

A luta estalou na União Conserveira do Algarve, mas podia ter estalado noutras empresas de Porimão, de Setúbal, Peniche, Matosinhos, onde a vida de exploração e de miséria das operárias não é diferente.

Mas foram as trabalhadoras da União Conserveira do Algarve que deram o exemplo. Ao paralisarem o trabalho elas protestaram contra os salários baixos, o horário esgotante, que as força a levantar-se a qualquer hora da noite e a permanecer na empresa até de madrugada, sem direito sequer ao pagamento de horas extraordinárias.

Foi uma luta unida e firme, a luta das operárias da União Conserveira do Algarve. Resistiram corajosamente às ameaças dos encarregados e dos patrões. Estes pensavam atemorizá-las fechando-lhes o portão da fábrica e ameaçando-as com a polícia.

Só às 3 horas da madrugada a paralisação terminou ante a promessa de serem atendidas as suas reivindicações. Mas dois dias depois as operárias da União Conserveira do Algarve voltaram a paralisar o trabalho, logo que se

deram conta que os patrões não estavam na disposição de cumprirem as promessas.

Na Fábrica Féu & Hermanos a greve durou 7 dias. Motivou-a o injusto despedimento de um operário, que deixou cair uma lata de conserva no colo da amante do patrão, que o foi denunciar.

Logo que as operárias e operários tiveram conhecimento do castigo concentraram-se diante dos escritórios da empresa e fizeram saber aos patrões que não trabalhariam enquanto não fosse readmitido o seu camarada e expulsa a denunciante. Os exploradores espanhóis recusaram-se a atender a reclamação do pessoal. Operárias e operários, num gesto magnífico de solidariedade, começaram a greve. Sete dias depois terminou com uma vitória. O operário despedido foi readmitido e expulsa a amante do patrão.

Dois exemplos de luta que vale a pena reter e saudar. Exemplos de unidade, que permitem fazer face à exploração do patronato e forçá-lo a recuar. Exemplos de coragem de operárias que lutam pelos seus direitos e não se vergam às ameaças e aos insultos. Exemplos de solidariedade das trabalhadoras e trabalhadores.

A luta das operárias e operários da União Conserveira do Algarve e da Fábrica Féu aponta o caminho aos trabalhadores das conserveiras.

As suas reivindicações para um novo contrato colectivo não foram até agora atendidas.

Conserveiras e conserveiros! Organizai a luta. Formai as vossas comissões de unidade. Concentrai-vos diante dos escritórios das empresas. Ide em massa ao sindicato. Reclamai a satisfação imediata das vossas reivindicações. Exigi que seja rapidamente elaborado o novo contrato colectivo, com a participação e discussão dos trabalhadores. Estabelecei contactos com as operárias e operários conserveiros dos vários centros do país. Passai à acção. Segui o corajoso exemplo das valentes trabalhadoras da União Conserveira do Algarve e da Fábrica Féu & Hermanos.

### RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente, das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos domingos, emissão dedicada aos camponeses das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

### FUNDOS PARA O PARTIDO

Comarada! Procura os teus companheiros de trabalho e forma com eles um «Grupo de Amigos do Partido», que regularmente se cotizam e tomem diferentes iniciativas para a obtenção de fundos.

Procura simpatizantes e homens sérios e pede-lhes que auxiliem o Partido.

# A URSS ESTÁ CONNOSCO!

## SOLIDARIEDADE EMOCIONANTE DOS PIONEIROS SOVIÉTICOS

Nos comícios que tiveram lugar em várias escolas de Moscovo, nos dias 19, 21, 23 e 28 de Novembro, os pioneiros soviéticos manifestaram a sua mais ardente solidariedade às crianças e à juventude de Portugal, ao povo português em luta contra a tirania fascista.

Todos os comícios aprovaram moções e resoluções, acompanhadas por centenas de assinaturas. Todos se desenrolaram num ambiente caloroso em que era nítido o desejo de maior aproximação da juventude soviética com a juventude portuguesa. Aos delegados portugueses foram oferecidas flores, lenços de pioneiros para as crianças portuguesas, emblemas, livros de contos, desenhos feitos por crianças soviéticas, e outras lembranças.

As moções e resoluções aprovadas testemunham confiança no povo português, na firmeza do seu combate até à vitória final. «Os nossos corações enchem-se de cólera e indignação quando pensamos nas barbaridades do fascismo em Portugal—dizem os pioneiros e jovens comunistas de Moscovo numa resolução. Os crimes da ditadura fascista cobrem-na de vergonha. Exigimos que se ponha fim ao regime de arbitrariedade no país». E, através, desta resolução, é toda a juventude de Moscovo que exige: «Liberdade para o Partido Comunista Português», «Liberdade para Sofia Ferreira, Alda Nogueira e para todos os presos políticos!», «Liberdade para o povo português!».

No comício realizado na escola 267, a delegação portuguesa recebeu emocionada vários abaixo-assinados com 3.350 assinaturas, exigindo do governo Português a libertação dos presos políticos e a garantia dos direitos do homem, de acordo com a declaração da ONU.

Os professores, jovens comunistas e pioneiros da escola 756, numa advertência ao governo português, protestam num documento subs-

crita por 346 assinaturas contra as terríveis condições de vida dos presos políticos.

Na escola de Música Gnessiech professores e alunos reclamaram enérgicamente contra o envio dos presos políticos para o campo de concentração do Tarrafal no quaisquer outros nas colónias portuguesas.

Manifestação de especial carinho foi ainda a realização de colectas para envio de presentes, cartas e postais de saudações aos filhos dos presos políticos.

Enviaram igualmente mensagens de profunda admiração e carinho, a Sofia Ferreira, Maria Alda Nogueira, Fernanda Tomás, Olívia Sobral, Natália David, Albino Fernandes, Maria Lourenço Cabecinha, pela sua luta corajosa e abnegada, em defesa do povo português.

### OUTROS ACTOS DE SOLIDARIEDADE

No dia 9 de Dezembro teve lugar em Moscovo um outro encontro de solidariedade para com a luta do povo português realizado

pelos Juventudes Comunistas daquela cidade.

Uma carta de saudação ao C.C. do P.C.P. e uma carta de protesto ao presidente da República saíram deste memorável encontro. Na carta ao P.C.P. é nomeadamente afirmado: «Pelas vossas ideias e convicções vós sacrificais a saúde e frequentemente a vida».

Com novo encontro realizado num Hospital de Moscovo, em que participaram largas centenas de manifestantes, prosseguiram as acções de solidariedade soviética no mês de Dezembro. A extrema gravidade da doença de Agostinho Saboga, foi salientada por duas médicas soviéticas que exigiram a sua libertação imediata e a de todos os presos políticos:

Foi aprovada e enviada uma moção de protesto ao presidente da República.

O povo soviético ocupa uma posição de vanguarda na ajuda solidária à luta do povo português.

A classe operária e o nosso povo não esquecerão o grande significado dessa solidariedade e desse apoio fraternal.

### Mais acções em apoio do Vietnam heróico

Os imperialistas americanos falam em paz mas impõem a mais brutal e destruidora das guerras. Em cada dia, sobre a terra do Vietnam despejam toneladas de bombas.

Mas o povo do Vietnam resiste e não se renderá aos seus selváticos agressores.

A luta do povo do Vietnam é uma luta de libertação contra o imperialismo americano, contra os gendarmes da reacção que apoiam e sustentam os governantes salazaristas, carrascos e opressores do povo português.

Operários, camponeses, intelectuais, jovens, mulheres portuguesas! Reforcemos a solidariedade militante ao povo do Vietnam. É necessário que em cada dia caiam centenas de cartas na embaixada dos Estados Unidos em Lisboa!

É necessário que nas fábricas, nas aldeias, nos bairros populares se alargue a luta contra a guerra do Vietnam.

É necessário que os nossos escritores, artistas, advogados, médicos, homens de Ciência tomem parte activa na luta contra os agressores americanos. Jovens operários e estudantes! Reforçai a vossa acção em apoio «do Vietnam!»

## Grandiosa manifestação de solidariedade a Conferência Canadiana para a Amnistia em Portugal

À amplitude da Conferência canadiana pela Amnistia aos presos políticos portugueses, já assinalada em números anteriores do «AVANTE!», juntam-se aspectos novos desse acto grandioso de solidariedade internacional que é de todo o interesse divulgar, para que o povo português tome conhecimento da projecção da sua luta além fronteiras e do largo apoio que ela encontra.

Centenas e centenas de adesões provenientes de individualidades e organizações sindicais e democráticas de muitos países da Europa e

América Latina uniram-se aos deputados federais, às autoridades eclesásticas, escritores, professores universitários, representantes das organizações democráticas do Canadá que participaram na Conferência.

O pleno êxito da Conferência Canadiana para a Amnistia em Portugal foi confirmado pelas resoluções unânimes aprovadas no final da Conferência e pela constituição de uma Comissão Canadiana para a Amnistia aos presos políticos portugueses que já se encontra em actividade.

### A Conferência tomou importantes resoluções

Durante dois dias os participantes da Conferência viveram intensamente o drama da repressão em Portugal e tomaram importantes resoluções.

Enviaram uma carta de saudação aos presos políticos. Numa outra resolução reclamaram a Amnistia para todos os patriotas detidos e particularmente para Sofia Ferreira, José Bernardino, Varelo Gomes e Manuel Serra.

Uma outra resolução tomada pela Conferência denuncia o novo decreto relativo à deportação dos presos políticos para as colónias e dos patriotas africanos para Portugal e condena vigorosamente o restabelecimento de campos de concentração de tipo nazi em África. Esta resolução apela para os cidadãos canadianos e para a opinião pública mundial para que reclamem junto das autoridades portuguesas a abolição destes campos de concentração que atingem pro-

fundamente os direitos e as vidas dos presos políticos e a consciência do mundo democrático.

O reverendo J.V. Kimball, presidente dos trabalhos da Conferência, dirigiu uma carta ao primeiro ministro do Canadá e aos outros membros do governo, para que estes intervenham enérgicamente junto do governo português a fim de obter a Amnistia para os presos políticos.

A Conferência reclamou a revogação da legislação que viola os direitos do Homem e restringe o exercício das liberdades cívicas.

Opondo-se veementemente às guerras coloniais, conduzidas pelo governo de Salazar, a Conferência enviou calorosas saudações a todos os movimentos e povos de África que sofrem a mais terrível opressão e lutam pela sua independência.

Finalmente num apelo à opinião pública canadiana e mundial, a Conferência pede para apoiarem as iniciativas e os trabalhos da Conferência.

### Mensagens à Conferência

Saudaram a Conferência, a FEDERAÇÃO DO TRABALHO DE ONTARIO, em nome dos seus 60 mil membros, a FEDERAÇÃO DOS COMBATENTES ANTI-FASCISTAS DA CECOSLOVÁQUIA, o CONCELHO CENTRAL DOS SINDICATOS DA CECOSLOVÁQUIA, em nome dos seus 5 milhões de membros, o BISPO DE MANZANI (TANZANIA), o presidente da CÂMARA DE TORONTO, a UNIÃO DAS MULHERES PORTUGUESAS DO URUGUAI, todos os sindicatos do Uruguai, incluindo a CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES constituída por mais de 700 organizações sindicais.

Os estudantes portugueses enviaram uma mensagem de agradecimento ao povo canadiano.

## Congressos de Partidos Comunistas

### HUNGRIA

No dia 28 de Novembro iniciaram-se os trabalhos do IX Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro.

O relatório do Comité Central, apresentado pelo camarada Janos Kadar, salientou os êxitos dos trabalhadores da Hungria na edificação do socialismo e os progressos registados nos vários domínios da economia nacional.

O Congresso aprovou o relatório do Comité Central, as Directrizes para o desenvolvimento do socialismo e as emendas aos Estatutos.

Uma delegação do P.C. Português assistiu aos trabalhos do Congresso.

### FRANÇA

Foi com grande alegria que os comunistas portugueses tomaram conhecimento da realização do XVIII Congresso do Partido Comunista Francês e lhe dirigiram uma mensagem de saudação. São fortes e fraternos os laços que unem o P.C.P. ao glorioso Partido de Maurice Thorez.

O Informe do Comité Central apresentado pelo camarada Waldeck Rochet fez uma análise circunstanciada da situação política da França e salientou a justa política do Partido Comunista Francês em defesa da Unidade da classe operária e das forças democráticas de esquerda.

**NEM UM SÓ PRESO POLÍTICO PARA FORA DO CONTINENTE**